

O esqueleto verde

As medidas de proteção à Amazônia, anunciadas pelo Palácio do Planalto na última quinta-feira, merecem ser analisadas por dentro e por fora. Na gênese do pacote, está a retomada dos trabalhos do Inpe, que há quatro anos foi podado das verbas que lhe permitiam monitorar o avanço dos desmatamentos na região. Curioso que isso tenha acontecido logo após a Conferência da ONU no Rio. Naquela temporada, o satélite mostrava ao Inpe que era decrescente o ataque à floresta, baixando a guarda dos vigilantes.

Há pouco mais de um ano, o ministro da Ciência e Tecnologia, José Israel Vargas, aproveitou uma daquelas reuniões que o presidente Fernando Henrique faz com os seus na Granja do Torto e pediu dinheiro para os técnicos do Inpe. Causou espanto porque a verba solicitada era inversamente proporcional à magnitude da missão: Vargas queria R\$ 1,5 milhão para monitorar uma área de 5 milhões de quilômetros quadrados — a Europa inteira e mais um tanto. Levou.

Com dinheiro no bolso, 92 técnicos trabalharam durante dez mil horas para analisar 916 imagens do satélite Landsat e mais de mil cartas produzidas entre 1991 e 1994. Resultado:

ao contrário do que se havia festejado na Rio-92, o desmatamento estava avançando na Amazônia, num ritmo de crescimento perigosíssimo, próximo dos 10% ao ano. Temos aí o que se chama de má notícia, dessas que arrastam pencas de ecologistas à porta da embaixada do Brasil em qualquer lugar do planeta onde haja mais ecologistas do que florestas.

Nas mãos do governo, os números queimavam feito coivara na mata. A decisão de divulgá-los, uma atitude honesta, não deixava de ser complicada. Havia um fato a comemorar, a retomada do acompanhamento, e outro a deplorar, o aumento do desmate, com conseqüências internas e externas. Quem melhor resume o que se passou é o ministro do Meio Ambiente, Gustavo Krause, do PFL de dona Ruth. "Tínhamos um esqueleto verde no armário e também a coragem de botar o esqueleto para fora", compara Krause.

O satélite deu ao ministro uma dúzia de limões azedos e a oportunidade de fazer uma bela limonada. Junto com José Vargas e aliado ao Itamaraty, Krause arrancou mais dinheiro do governo e algumas medidas de impacto externo e interno. Decretou, por exemplo, moratória de dois anos no corte do mogno e da virola, obrigatórios como sabonete nos banheiros de Londres. Também ampliou de 50% para 80% a área de floresta protegida, nas propriedades que exploram madeira, e congelou a expansão dos pastos em áreas que já foram degradadas.

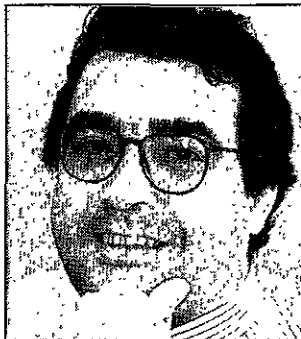
Há outras medidas que podem ser melhor explicadas por quem vive da mata e por quem vive de vigiá-la. O importante é que, embrulhados nesse pacote, os números do Inpe puderam ser ser-

vidos à opinião pública dentro de uma agenda positiva; limonada e não limões azedos. Olhando por fora, do ponto de vista do Itamaraty, o governo fez uma operação política semelhante à que enfrentou o problema dos desaparecidos políticos. Reconheceu o problema e apontou para ele uma solução, dentro de seus limites.

Visto por dentro, o pacote verde do ministro Krause mostra algumas contradições entre o governo tucano e sua base no Congresso. Por

trás de cada árvore abatida e cada alqueire de mata transformada em pasto, existe uma rede de interesses econômicos e políticos que vão dar em Brasília. Os Estados do Norte são tradicionais fornecedores de votos ao Planalto, quem quer que esteja no comando. Basta ver o placar do lado esquerdo do plenário da Câmara, onde seus votos são registrados: quando o governo quer, o placar é verde como a floresta.

O pacote devia ter sido anunciado na terça-feira, mas só saiu na quinta. Entre uma data e outra, as bancadas do Norte deram ao Planalto os votos de que precisava para aprovar a CPMF. No dia seguinte, foram surpreendidas com as decisões. Táí um esqueleto que nenhum governo tira do armário. Um esqueleto que, com certeza, fará tudo para desbastar o pacote de suas medidas mais duras.



■ Ricardo Amaral é jornalista

Pacote ecológico do governo serviu os números ruins do Inpe dentro de uma agenda positiva

28/7/96 A4
198